



Wesley Viana de Souza
SOMEWHERE IN TIME

Inspirado pelo álbum homônimo de **IRON MAIDEN**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

SOMEWHERE IN TIME
WESLEY VIANA DE SOUZA
uma história inspirada por
SOMEWHERE IN TIME
IRON MAIDEN

SÃO PAULO, JULHO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY WESLEY VIANA DE SOUZA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

SOMEWHERE IN TIME

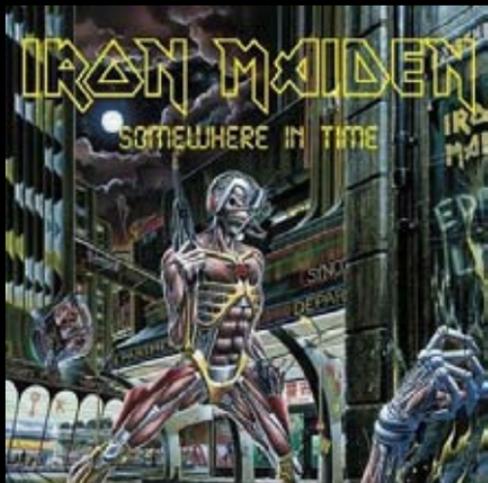
WESLEY VIANA DE SOUZA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Caught Somewhere In Time
2. Wasted Years
3. Sea Of Madness
4. Heaven Can Wait
5. The Loneliness Of The Long Distance Runner
6. Stranger In A Strange Land
7. Deja Vu
8. Alexander The Great

SOMEWHERE IN TIME IRON MAIDEN

LANÇAMENTO: **1986**
SELO: **SONY**



SOMEWHERE IN TIME
WESLEY VIANA DE SOUZA

GRÉCIA, 337 a.C.

A comitiva real segue pelas ruas de Olinto, uma cidade no norte da Grécia. À frente, o jovem e recente Rei cavalga imponente. Os habitantes da cidade nunca viram aquele rosto, mas todos já ouviram histórias sobre aquele jovem: Alexandre Magno, Rei da Macedônia, Rei da Grécia.

As pessoas comentam umas com as outras enquanto a caravana dirige-se à casa de Dúris, um dos fazendeiros mais ricos de Olinto. Alexandre entra, acompanhado apenas de dois de seus generais. Dúris recebeu o Rei emocionado e com medo ao mesmo tempo. Alexandre gostava de ver a reação que causava nas pessoas, mas acalmou Dúris e disse que vinha em paz. Quando disse o motivo de sua visita, Dúris finalmente entendeu.

Alexandre foi levado até a sala da casa. Sentado em um dos divãs estava um jovem, aparentando a mesma idade de Alexandre. O Rei pediu para que ficassem a sós. Alexandre sentou-se no mesmo divã e olhou com desejo para o jovem.

— Se é mesmo bom como dizem, já deve saber o motivo de minha visita.

— Sim, Majestade. Creio que sairá daqui satisfeito e ao longo de sua vida comprovará que tudo o que eu disser terá sido verdade.

Alexandre o observou por um instante, tentando identificar o estranho sotaque do jovem.

— Pois então, Oráculo, diga o que o futuro me reserva.

Alexandre ouviu tudo o que queria ouvir, inclusive coisas que até aquele

momento ele havia guardado somente para si próprio; planos ambiciosos de conquista de um jovem que queria dominar o mundo. O Oráculo disse que o nome de Alexandre se eternizaria. Ele dominaria o Império Persa e estenderia seu domínio até a Índia. O Oriente cairia perante a força de Alexandre Magno. Era possível perceber o brilho de cobiça nos olhos do futuro imperador. Ele hesitou um instante antes da pergunta que o incomodava.

— E como eu morrerei?

O jovem vidente riu calmamente e olhou sem medo para o monarca.

— Sua morte não será tão gloriosa quanto a sua vida.

Alexandre não insistiu. O Rei ofereceu riquezas e proteção ao jovem, mas ele não aceitou.

— O que procuro está acima de todos os sonhos da Humanidade e nem Vossa Majestade poderia me dar. Mas lhe peço uma coisa.

— Qualquer coisa que quiser. — disse o Rei.

— Conquistará o Egito e lá fundará uma magnífica cidade. Tudo que lhe peço é que a chame de Alexandria.

— Uma homenagem a mim mesmo é tudo o que pedes?

O jovem riu novamente, aproximou-se de Alexandre e disse algo em seu ouvido. Alexandre sorriu.

— Entendo. Se o que dizes for verdade, sua vontade será satisfeita.

A comitiva partiu logo em seguida, mesmo com a insistente bajulação de Dúris para que permanecessem. Do andar de cima, o jovem observava. Ele havia se divertido bastante, mas agora era necessário partir. Sua notoriedade estava ficando perigosa. Depois dessa visita, os seus perseguidores descobririam

rapidamente o seu paradeiro. Ele fechou os olhos, saboreando aqueles momentos regozijantes de vaidade saciada e pronunciou vagarosamente, sentindo o som de cada sílaba, o nome que o extasiava: “Alexandria”

LONDRES, 2986 d.C.

Alexandre acorda assustado. Novamente, a noite foi repleta de pesadelos. Ele olha ao redor para ter certeza de que está em casa. Sua mão faz um gesto e aciona à distância o teclado virtual do computador. O relógio tridimensional é projetado acima da cama; são dez horas da manhã. Alexandre aciona outro botão e inicia a programação do café da manhã. Ao chegar à sala, um holograma é acionado — é sua mãe: “Filho, seu pai e eu fomos à casa de sua avó, retornaremos ao anoitecer. Hoje é domingo, divirta-se.”

Alexandre já não se incomodava mais com os conselhos de sua mãe para que se divertisse. Ele tinha acabado de completar quinze anos e não fazia nada que os adolescentes comuns costumavam fazer. Os amigos de Alexandre gostavam de utilizar o simulador de realidade para várias coisas. Nos finais de semana eles o usavam para jogar de futebol às simulações de aventuras espaciais. Desde criança, Alexandre era diferente.

Frequentemente, ele parava durante uma determinada situação e olhava ao redor, observando. Quando o perguntavam, ele dizia que tinha a impressão de que aquilo já havia acontecido com ele antes, ou que ele já havia estado naquele lugar. Mais tarde ele descobriu que aquela sensação se chamava *déjà vu*.

Alexandre, aos poucos, foi se tornando mais isolado, seus amigos de infância se distanciaram. Todos achavam que ele era autista, inclusive seus pais. Alexandre, por sua vez, não fazia questão de amigos. Ele gostava de ler,

era o melhor aluno da escola, embora fosse indisciplinado e irônico com os professores. Na escola, as sensações de *déjà vu* se aprofundaram. Durante as aulas de história, Alexandre sentia como se nomes e lugares históricos estivessem relacionados a ele, era como se algum dia ele tivesse estado naqueles lugares e era uma sensação maravilhosa.

Porém, algumas coisas assustavam. Os pais de Alexandre chegaram a achar que ele era esquizofrênico, pois desde os oito anos de idade ele comentava que era perseguido por homens estranhos, como se eles estivessem vigiando seus passos. O pior é que à medida que Alexandre crescia, ele tinha a impressão de que as perseguições aumentavam, que ele era vigiado durante todo o dia.

Alexandre decidiu então tentar compreender o que estava acontecendo. Ele sabia que para alguém com seu nível de inteligência não seria difícil descobrir, mas ele estava enganado. O que ele encontrou foi uma teia de mistérios e conspirações governamentais, lendas urbanas e artigos ridicularizados pela imprensa. Havia algo grande sendo encoberto, um segredo compartilhado por todas as nações do mundo, como um pacto de sobrevivência. Alexandre passou a dedicar sua vida a essas pesquisas. Ele descobriu vários códigos secretos na Internet que nenhum *hacker* comum seria capaz de descobrir. A cada descoberta ele ficava cada vez mais aterrorizado e extasiado. Como a Humanidade desconhecia todas aquelas informações? O que aquilo tinha a ver com ele?

O último pesadelo que Alexandre teve antes de acordar, naquele domingo, não foi como os outros. Ele costumava sonhar com o passado, mas dessa vez ele sonhou com o futuro, como se algo estivesse predestinado a acontecer com ele.

No seu sonho, havia um artefato, semelhante a uma cápsula. Ele não conseguiu pesquisar esse assunto em seu computador particular. Alexandre tomou o café, deletou a holomensagem de sua mãe, pegou seu skate magnético e foi direto à ciberbiblioteca de Londres.

Durante o trajeto ele observava os pedestres, pois já havia se acostumado a ser observado pelos espões que, discretamente, ligavam seus *chip*-celulares depois que ele passava. Ele começou a achá-los ridículos. Será que achavam que ele não percebia? Porém, durante os últimos dois dias, Alexandre não viu ninguém o vigiando. Era muito estranho, será que haviam desistido? Será que continuavam vigiando-o, mas agora de uma forma eficiente? Ou pior, será que realmente não era tudo fruto de sua imaginação? Não, ele sabia que não estava louco. Ele acessou um dos computadores da ciberbiblioteca pública, que estava quase vazia. Seus olhos arregalaram-se. Ele havia descoberto algo que iria transformar sua vida para sempre e talvez o mundo.

LONDRES, DOIS DIAS ANTES

O cerco estava se fechando para McBrain. As lideranças mundiais ligadas à agência cobravam uma investida drástica no caso. “Eles acham que é fácil”, pensava ele. McBrain sabia que o caso era grave. Toda a sociedade como conheciam estava ameaçada, poderia ser o fim de tudo o que existia ou o começo de algo simplesmente inconcebível para a mente humana. “E tudo por causa de um garoto intrometido.”

McBrain tinha 45 anos e havia se tornado o chefe da WSF (World Security Force) aos 25, depois de um minucioso e vigoroso treinamento intelectual, psicológico e físico. Quando assumiu a liderança da WSF, todas as revelações foram feitas e ele finalmente percebeu porque o tratavam com tanta importância. McBrain passou, então, a esperar que acontecesse o que estava escrito nos documentos como se eles fossem pergaminhos proféticos. Há quinze anos suas expectativas se transformaram em certezas. As cápsulas foram criadas na data exata que estava escrita nos documentos e dois dias depois a criança nasceu.

Desde aquele dia, Alexandre foi vigiado pelos agentes da WSF. Era necessário saber tudo o que ele fazia, vigiá-lo e ao mesmo tempo protegê-lo, mesmo que a WSF e todos os líderes mundiais ligados a ela o odiassem pelo o que ele iria fazer. Era uma terrível contradição. Eles deveriam assegurar que Alexandre fizesse tudo o que pretendia, mas ao mesmo tempo queriam matá-lo por causa disso. Porém, eles só poderiam matá-lo depois que tudo estivesse

esclarecido. E esse era justamente o problema. Nenhum deles tinha idéia do que iria acontecer. Os documentos secretos possibilitavam uma noção exata do que havia acontecido até um certo momento, mas depois tudo ficava obscuro.

McBrain estava absorvido em seus pensamentos quando seu *chip*-celular tocou. O chefe da WSF ficou boquiaberto, saiu rapidamente acompanhado de seus seguranças e rumou o mais rápido possível até o laboratório central.

McBrain quase não pode acreditar. Uma semana antes havia sido encontrado um fóssil em uma profunda caverna nas geleiras da Antártida. McBrain não deu muita atenção à notícia, mas agora parecia que só aquele fóssil importava. Ele pediu todos os relatórios até aquele momento. Os cientistas explicaram tudo. McBrain não pôde conter o sorriso de satisfação e alívio.

— Por Deus, estamos salvos!

Ele pegou o *chip*-celular e ligou imediatamente para a central da WSF.

— Parem de perseguir Alexandre. Deixem que ele faça tudo o que ele quiser.

E depois de algum tempo continuou.

— Marquem um encontro com os agentes Steve e Bruce. Já é hora de nos conhecermos pessoalmente.

DESERTO DO SAARA, 2910 d.C.

É noite. O vento frio do deserto sopra sobre os dois homens encapuzados que cavam na areia. Ao lado deles há uma caixa feita de um metal semelhante ao alumínio. Eles enterram a caixa no buraco. Logo após, cada um deles retira uma cápsula eletrônica escondida entre suas roupas de nômade. Há um clarão, e logo depois o silêncio.

LONDRES, 1666 d.C.

É noite. As ruas estão vazias em Pudding Lane. Um casal de jovens parece ignorar o risco dos assaltos. Eles andam despreocupadamente, abraçados, conversando e rindo alto. O rapaz carrega uma garrafa de vinho quase seca. Eles param perto da ponte de Londres, ofegantes e dando gargalhadas.

— Você é tão estranho, não acredito que seja daqui.

— Sou tão londrino quanto você. — responde o jovem tomando o último gole de vinho.

— Esses dias que estive com você foram maravilhosos. Você sabe tanta coisa!

— O conhecimento é tudo, Jane. Os poderosos sempre nos privaram do conhecimento porque sabem que isso pode derrubá-los. É isso que procuro: o conhecimento total.

— Mas você já sabe tantas coisas, não precisa aprender mais nada.

— Você é tão ingênua. Olhe para as estrelas, pense no universo, como você acha que tudo isso foi criado? Esse é o maior segredo. O segredo que sempre nos foi privado e que um dia eu vou descobrir.

Eles ficam em silêncio por um instante. Pouco depois, o jovem olha para sua companheira com os olhos embriagados.

— Hoje é vinte e oito de agosto.

— O quê?

— Dia dois de setembro acontecerá algo terrível em Londres. Vá para a margem sul do Tâmisia um dia antes. Lá estará segura.

— Não posso fazer isso. A minha tia não vai concordar. Ela já está muito velha e não deixa a nossa casa para nada.

— Jane, não vai sobrar nada da sua casa. Se sua tia não quiser ir, vá sozinha, senão as duas morrerão.

— Você está me deixando com medo, o que vai acontecer?

— Não posso dizer. É perigoso demais.

Jane lembrou-se do dia em que o conheceu. Os olhos azuis e a inteligência do rapaz a conquistaram.

— Eu confio em você, Adrian. Você já acertou várias previsões antes. Chega a me assustar às vezes. Se eu fosse religiosa, diria que você tem um pacto com o demônio.

Os olhos azuis do rapaz a fitaram com carinho.

— Gostaria tanto que você viesse comigo, porém isso é impossível.

Jane acariciou-lhe os cabelos loiros e disse algumas palavras. Adrian não a ouviu, pois prestava atenção em dois vultos que corriam em sua direção.

— Vamos sair daqui! São eles!

Jane nunca tinha visto os dois homens antes, porém, o rapaz já havia lhe falado sobre eles e sobre a possibilidade deles aparecerem a qualquer momento em seu encalço. Ela imaginava que seu amante poderia ser um criminoso, mas ele a acalmou dizendo que os homens não eram da polícia, mas mesmo assim eram muito perigosos. Jane não era medrosa, mas vivia com a tia doente numa humilde casa e não queria que nada de mal acontecesse a ela. Correram em

direção à casa de Jane, passando por vielas para despistar os dois homens. Quando estavam próximos da casa, pararam.

— Acho que os despistamos. Não estou os vendo mais.

— Pois então vamos entrar antes que nos encontrem.

A moça abriu a porta e os dois entraram na casa. A tia de Jane já estava dormindo. Foram para o quarto dela. No centro, havia um quadro que a jovem pintara recentemente: um retrato de Adrian. O jovem percebeu que Jane estava preocupada. Ele a abraçou e a beijou.

— Não quero que corra perigo por minha causa. Partirei amanhã.

— Não, fique comigo.

— Eu sou um viajante solitário. Mesmo que eu quisesse não poderia te levar. Eu sou um estranho em todos os lugares em que vou. Sinto tanta saudade de casa, às vezes acho que gastei todos esses anos por nada.

— Mas você é tão jovem. Você tem todo o tempo do mundo para alcançar seus objetivos.

— Sim, eu tenho todo o tempo do mundo, mas minha vida é feita de mentiras.

— Como assim?

— Não importa. Prometa que no primeiro dia de setembro irá para a outra margem do Tâmisia.

— Você disse que sua vida é feita de mentiras. Para eu fazer o que me pede, você precisa me dizer o que vai acontecer.

Ele aproximou-se e disse algo no ouvido da jovem. Jane estremeceu, mas não teve tempo de dizer nada. Os perseguidores quebraram a porta do quarto

e investiram contra os dois. O quarto foi destruído pela luta. No final, Adrian e Jane haviam sido subjugados.

— Finalmente o pegamos! Achou que poderia fugir para sempre?

Adrian não respondeu, pois surgiu uma chance para escapar. A tia de Jane apareceu no quarto, acordada pelo barulho. Ao ver a sobrinha segura por um dos homens desconhecidos, começou a gritar. Adrian aproveitou, desvencilhou-se do homem que o segurava e fugiu, ágil, pela janela.

— Maldição, ele fugiu! Vamos atrás dele.

— Espere. Ordenou o outro, caminhando em direção ao quadro do rapaz pintado por Jane.

— É o último item que procurávamos.

— Deixem meu quadro em paz! — gritava Jane, amparando sua tia que havia desmaiado.

Um dos homens pegou o retrato, enrolou cuidadosamente e colocou dentro da bolsa que carregava.

— Chegou o momento. — disse ele misteriosamente para o outro.

— Sim, vamos ter que dar uma pausa na perseguição. Precisamos fazer uma última anotação, não podemos colocá-la junto com as outras, mas talvez possamos fazer com que ela chegue ao chefe de alguma forma.

Enquanto falava, o homem apanhou um objeto que Jane achou muito estranho. Logo após, começou a movimentá-lo no ar. Uma pequena luz vermelha piscou no objeto.

— Capsei a movimentação quântica. Ele já foi, registrei o próximo destino.

Um dos homens começou a escrever em um papel que havia tirado da bolsa.

Depois o deixaram em cima da mesa enquanto conferiam os outros papéis e objetos da bolsa. Jane aproveitou-se da situação e escondeu o estranho papel.

- Você viu se guardei as últimas anotações?
- Não sei, acho que sim. Não há mais nada por aqui.
- Então vamos, não podemos perder tempo.

Os homens saíram sem se preocupar com Jane. Sua tia, que havia desmaiado, acordou logo em seguida, assustada. Jane a acalmou e disse que estava tudo bem — por enquanto.

— Esses homens não vão mais nos incomodar. Estavam atrás de Adrian e, pelo jeito, nenhum deles vai voltar. Tia, amanhã temos que preparar nossa coisas. Precisamos sair daqui.

— Mas você disse que eles não vão voltar.

— Não é por causa deles. Vai acontecer algo terrível em breve, precisamos fugir.

A tia de Jane não entendeu nada, ficou resmungando enquanto Jane lia as anotações feitas pelos homens. A tinta e o papel eram muito estranhos, mas o conteúdo era mais estranho ainda. Havia palavras que ela desconhecia completamente. Ela ficou com medo de que os homens voltassem para procurar o papel e o queimou na chama da vela. Porém, uma palavra ficou em sua mente, uma das palavras mais estranhas em meio a tantas outras. Ao dormir, Jane pensava em Adrian e pronunciava baixinho a palavra, que se perdia aos poucos em meio à escuridão: “Antártida... Antártida...”

LONDRES, 2986 d.C.

McBrain recebe os agentes Steve e Bruce. É a primeira vez que se veem pessoalmente.

Ele os leva a uma sala secreta. Guardada em um cofre de proteção magnética estava uma caixa de metal.

— Essa, senhores, é a resposta que procuraram por todas as suas vidas.

— Uma caixa feita de *Metalium*?

— Sim, ela foi encontrada no deserto do Saara no ano de 2911, nos primeiros testes feitos com o localizador quântico. Como vocês sabem, o *Metalium* só pode ser localizado dessa forma.

— Sim, mas é estranho. Nessa data o *Metalium* ainda estava em testes, assim como o localizador.

— Exato. Parece que quem enterrou essa caixa queria que ela fosse descoberta naquele ano.

— Não estou entendendo.

— Se vocês estão achando estranho, esperem até ver o que há dentro da caixa.

McBrain abriu a tampa e mostrou os objetos para os agentes. Uma estranha sensação de *déjà vu* tomou conta de Steve e Bruce. Eles sempre sentiam aquilo, mas agora parecia estar mais forte. Um dos objetos lhes chamou bastante a atenção. Era um quadro com a pintura de um rapaz.

— Meu Deus! Esse... é Alexandre Murray.

— Como disse antes, essa caixa foi encontrada em 2911 graças à tecnologia do localizador quântico. Sem ele, creio que ela poderia ficar perdida no deserto para sempre. O fato de ela ser feita de *Metalium*, possibilitou sua localização pelo aparelho. Quem a enterrou sabia disso. Através da análise das partículas quânticas é possível saber o período exato de qualquer objeto. Pela análise, a caixa foi enterrada um ano antes, em 2910.

— Isso é impossível. As pesquisas com *Metalium* só começaram no ano seguinte.

— Sim, agora vejam os objetos. São documentos históricos. Esse foi escrito durante o reinado de Alexandre, o Grande. O autor conta algo interessante. Ele diz que Alexandria recebeu esse nome não em homenagem ao rei da Macedônia, mas sim a outro Alexandre, um Oráculo que previu todas as conquistas de Alexandre Magno. O documento foi analisado e é original. Esse outro pertence à Idade Média. É uma parte do diário de Samuel Pepys. Nele, Samuel conta o relato de uma senhora que dizia ter escapado do incêndio de Londres, em 1666, graças a um namorado de sua sobrinha, chamado Adrian, que avisou sobre o incêndio. A sobrinha dela se chamava Jane. Reparem na assinatura do quadro, é o mesmo nome. Há outros documentos, pinturas, desenhos, referências, anotações, todas citando um rapaz loiro, de olhos azuis, de aproximadamente dezenove anos, mas com nomes variados, provavelmente falsos. É o nosso alvo: Alexandre Murray.

Os agentes estavam boquiabertos. Podiam esperar tudo, menos aquilo. Eles viviam exclusivamente por causa de Alexandre. Sabiam tudo a respeito dele;

data e hora de nascimento, parentes, amigos, rotina diária, sabiam até o que ele gostava de comer. Eles achavam que Alexandre era um terrorista procurado, mas agora viam que havia algo mais importante. Bruce perguntou:

— Você está querendo dizer que Alexandre é um viajante do tempo? Isso é ridículo.

— Todos estes documentos foram retirados de suas épocas e transportados para 2910, quando foram enterrados todos juntos. É por isso que nunca foram encontrados durante a história. Quem enterrou esses documentos queria apagar a existência de Alexandre Murray do passado para que ninguém descobrisse que as viagens temporais eram possíveis. Tudo isso está anotado nesse relatório que estava junto com as antigüidades, anotações feitas em um tipo de papel que só passou a existir em nosso século.

— Então foi o próprio Alexandre quem as escreveu e escondeu os documentos e a caixa?

McBrain hesitou por um instante.

— Apesar de ser lógico, é estranho vocês me perguntarem isso, pois foram vocês mesmos que enterraram a caixa.

Steve e Bruce estavam atônitos. McBrain mostrou as anotações. Havia várias folhas de papel universal, um tipo de papel com aspecto plástico, feito em laboratório, resistente e antipoluinte. Nesses papéis havia anotações feitas a caneta. Steve arregalou os olhos.

— É a minha letra!

— Mas como e quando as viagens no tempo serão possíveis?

— As viagens temporais já são possíveis. Foram inventadas secretamente

três cápsulas temporais. Elas funcionam com nanotecnologia, baseadas nos princípios da física quântica. Há uma telemetria entre elas, ou seja, para uma funcionar, as outras duas também precisam estar ativas. Se houver outra cápsula, elas se anulam. Portanto, só podem existir três cápsulas e as três funcionam interligadas. Alexandre está tentando consegui-las. Daqui a quatro anos, um traidor da WSF entregará uma cápsula a Alexandre. Ele sabe que poderíamos impedir isso ou destruir as outras duas cápsulas para aprisioná-lo no passado, mas ele sabe também que nós nunca faríamos isso. Não podemos mudar o passado. Se fizermos isso, poderá haver uma entropia cósmica que destruiria todo o universo. Tudo que está escrito nesses documentos precisa acontecer; o passado precisa acontecer para existir o futuro. Por isso deixamos Alexandre agir, apesar de sabermos tudo o que ele faria, como vocês deixaram escrito no relatório. Graças às anotações que vocês nos deixaram, as lideranças mundiais criaram a WSF, cuidaram de mim desde criança, pois estava escrito que eu seria o chefe da organização durante o período crítico. Além disso, as anotações nos deixaram indicações de como criar o Metalium, a análise quântica e as cápsulas temporais. Percebem agora porque sempre foram tão importantes?

— Meu Deus, não estou conseguindo nem pensar direito.

— Vocês precisam se preparar. Daqui a quatro anos Alexandre voltará para o passado e vocês o perseguirão. Vocês não podem modificar o passado nem permitir que ele modifique. Não o matem, isso seria fatal para todo o universo.

— Por quê? Há registros de que ele voltou para o futuro?

— Não. Mas não podemos arriscar. — McBrain tentou parecer firme para não perceberem que ele estava omitindo fatos.

— Maldito moleque! O que ele quer com isso?

— Ele tem um motivo. Alexandre é vaidoso, ele quer deixar sua marca na história. O nome da cidade de Alexandria comprova isso. Mas o motivo principal é bem maior. Há uma lenda de que o segredo da criação do universo e da Humanidade se perdeu em uma determinada época do passado. Quem descobrisse esse segredo teria acesso ao conhecimento infinito e à vida eterna. Alexandre voltou para o passado para descobrir esse segredo.

— E isso realmente existiu?

— Provavelmente não. O que precisamos é impedir uma possível entropia cósmica. Tragam Alexandre vivo. Ele será condenado e talvez morto por seus crimes. Vocês terão quatro anos para se prepararem. No dia 3 de agosto de 2990, Alexandre e vocês partirão, como você mesmo escreveu, Steve.

Os dois agentes levaram algum tempo até se acostumarem com aquelas revelações. McBrain quase não os viu durante os quatro anos seguintes. No dia marcado, eles se encontraram novamente na sede da WSF.

— Como vocês já estudaram, a viagem para um futuro ainda não acontecido é impossível. Portanto, mesmo que passem anos no passado, quando voltarem terão se passado apenas dois minutos. Alexandre acabou de partir. É hora de vocês irem. Eu os esperarei ansioso. Os documentos que vocês nos deixaram nos dizem muita coisa, mas não falam nada sobre a captura ou não de nosso alvo. Confio em vocês. Esperarei esse dois minutos ansiosamente e tenho certeza que verei vocês regressarem com Alexandre. Boa Sorte, cavalheiros.

Steve e Bruce acionaram as cápsulas, McBrain protegeu os olhos. Um forte clarão ofuscou a sala e os dois agentes desapareceram. McBrain sentou-se em

sua cadeira e olhou para o relógio. Ele sentia-se mal por ter omitido uma parte da verdade, mas era o destino de todo o universo que estava em jogo. Ele olhou novamente para o relógio. Faltavam dois minutos para meia-noite. Seriam os dois minutos mais longos de sua vida.

ANTÁRTIDA, 1986 d.C.

Steve e Bruce perseguem seu alvo dentro de uma caverna gelada, nas montanhas transantárticas, onde um vulcão ativo começa a lançar cinzas ao céu. Alexandre tenta despistá-los, pois não partiria dali sem o que veio buscar. Ele havia recolhido várias pistas em diversas épocas da história que o levaram até aquela caverna. O segredo do universo poderia estar ali, a poucos metros dele. Ele não podia desistir. Os agentes da WSF o seguiam implacavelmente pelos corredores de gelo. Alexandre ficou sem saída, estava encurralado. Ao longe era possível ouvir o barulho do vulcão próximo à caverna. Steve e Bruce pegaram suas cápsulas e foram se aproximando aos poucos. Alexandre percebeu a situação. Estava tudo perdido.

LONDRES, 2990 d.C.

McBrain acompanhou o Sr. Edward até a sala secreta, na sede da WSF e mostrou-lhe a caixa de Metalium com os documentos secretos.

— Finalmente. Você não imagina como esses documentos foram citados no meu treinamento.

— Imagino sim. Passei pelo mesmo treinamento. Mas penso que você esteja mais interessado ainda nas minhas revelações finais.

— Sim, esperei anos por isso.

Edward seria o substituto de McBrain na chefia da WSF. Ele precisava ter acesso às informações que ainda desconhecia. Partiram para o Laboratório Central de Londres. Em um sala, conservado em uma câmara criogênica, estava um fóssil congelado. Edward aproximou-se para observar. Eram os esqueletos de três homens, cada um segurando uma cápsula eletrônica.

Na noite em que Steve e Bruce partiram, McBrain já sabia sobre o destino deles. Foi por isso que ordenou que enterrassem a caixa logo depois da perseguição em Londres, pois morreriam brevemente e era necessário passar as informações vitais para o futuro. Quatro anos antes, McBrain realmente não sabia sobre o futuro. As informações da caixa permitiam saber apenas que a última perseguição a Alexandre havia acontecido em Londres, em 1666. Dali em diante, não sabiam mais nada. Se Alexandre e os agentes tivessem permanecido no passado, em qualquer momento da história poderiam causar a entropia.

Os líderes da WSF permaneceriam angustiados pela dúvida, pois os efeitos da entropia poderiam acontecer a qualquer momento, poderiam levar minutos, anos, séculos, milênios, mas se o passado tivesse sido alterado, uma hora ou outra a entropia destruiria o universo.

Mesmo se Alexandre voltasse para o futuro, ainda havia o risco dele ter descoberto o segredo que tanto procurava. Isso, com certeza, modificaria o mundo como o conheciam e poderia, também, levá-lo à destruição. A única saída seria os agentes capturarem Alexandre e levá-lo até a WSF. Se ele não tivesse conseguido seu objetivo, seria apenas preso; mas se tivesse conseguido, pelo bem da Humanidade, deveria ser morto.

Com a descoberta dos fósseis, McBrain e todos os líderes da WSF se sentiram aliviados. As análises comprovavam que eles haviam ido direto de 1666 até o incidente na Antártida. Era a prova de que Alexandre e os agentes haviam morrido no passado, impedindo-os de cometerem possíveis modificações na história e guardando para sempre o segredo que Alexandre buscava. McBrain levou seus melhores agentes para a morte naquela noite. Ele sabia que eles não retornariam. Naquela noite, ele decidiu que iria se aposentar.

Através dos estudos dos cientistas, foi possível saber o que havia acontecido mil anos antes, naquela caverna da Antártida. McBrain explicava para o Sr. Edward, mas nenhuma explicação poderia exprimir a sensação de desespero de Steve e Bruce ao verem Alexandre destruindo sua cápsula temporal.

— Por Deus, o que você fez, seu louco! — gritou Steve, desesperado.

— Ele quebrou a cápsula. Sem ela, as nossas também não funcionam. Maldito, você nos prendeu no passado para sempre!

— Sei muito bem o que me espera no futuro, prefiro morrer aqui. É o fim para nós três.

— Filho da puta!

Steve avançou sobre Alexandre e agarrou-lhe o pescoço.

— Steve, espere. Talvez haja uma chance...

Steve respondeu, mas sua voz foi abafada pelo estrondo da explosão.

Toneladas de pedra caíram sobre o corpo de Bruce. Steve largou o pescoço de Alexandre e correu para junto de seu amigo.

— Bruce, não! Olhe o que você fez, miserável!

Steve estava fora de si. Nem todo o seu treinamento poderia acalmá-lo naquela hora. Ele avançou como um louco sobre Alexandre, os dois já entendiam o que estava acontecendo. O vulcão havia entrado em erupção. A lava jorrava pelas frestas da caverna e começava a cobrir as pedras sobre o corpo caído de Bruce.

— Nós vamos morrer, maldito, por sua culpa!

Bruce estrangulava Alexandre. O jovem retirou um punhal que trazia consigo e perfurou o abdômen de Steve. O agente caiu gemendo no chão. Alexandre encostou-se na parede. O terremoto continuava. A lava se aproximava, cobrindo as pedras e os agentes mortos. Em breve ela a alcançaria.

Alexandre pensou em sua casa, em seus pais, no futuro ao qual ele pertencia. Ele morreria ali, sozinho numa terra gelada e fria, fora do seu tempo. Todos os seus sonhos estavam perdidos. Alexandre observou o punhal ensanguentado. O vapor do gelo derretido penetrava por suas narinas, quase o entorpecendo. Ele cortou os pulsos profundamente e vagorosamente. Enquanto o sangue escorria,

Alexandre fechava os olhos cheios de lágrimas. Parecia que ele flutuava. Era quase possível ver o seu próprio corpo sendo soterrado pelas pedras e coberto pela lava.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br